



Praça Universitária:
Espaço de reflexão sobre a arte pública em Goiânia

University Square:
Space from reflection about the public art in Goiania

Plaza Universitaria:
Espacio de reflexión sobre el arte pública en Goiania

SANTOS, Atillierme Carlo Pereira dos¹
MELLO, Márcia Metran de²

^{1 e 2}Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.

altillierme@gmail.com
ORCID ID: 0000-0003-3480-8545
metranmarcia@gmail.com
ORCID ID: 0000-0002-9611-8868

Recebido em 03/04/2019 Aceito em 07/07/2020



Resumo

Nas reflexões e definições teóricas sobre arquitetura e urbanismo aparecem frequentemente palavras como: arte, cultura, espaço e indivíduo. É notável o apelo artístico, criativo e social desempenhado pela arquitetura no processo de estruturação e configuração espacial. Entre a escala do edifício e do urbano, alguns elementos auxiliam na configuração e estímulo ao convívio e permanência. A arte pública neste sentido pode transformar percepção cultural e estrutural dos espaços. A legibilidade espacial é fundamental para a vitalidade dos núcleos urbanos. Sua interpretação acontece gradualmente a partir das experiências vivenciadas, gerando vínculos. O objetivo deste artigo é discutir a importância e contribuição da arte urbana na formação do imaginário, sua relação e comunicação com a arquitetura e entorno, através de pesquisa bibliográfica relacionada com o tema e o objeto de estudo. Além disso, a pesquisa inclui a imersão – vivência e levantamento fotográfico *in loco*, leitura e análise das manifestações artísticas presentes. O resultado é uma breve análise da evolução morfológica e histórica da Praça Universitária em Goiânia, identificação e documentação de exemplares de arte urbana, estado de conservação e intervenções; além disso, fomentar a compreensão e reflexão sobre arte urbana como formador de imaginário urbano.

Palavras-Chave: Arte Pública; Imaginário Urbano; Praça Universitária; Setor Universitário; Goiânia.

Abstract

Reflections and theoretical definitions about architecture and urbanism often appear words such as: art, culture, space and individual. The artistic, creative and social appeal played by architecture in process of structuring and spatial configuration is remarkable. Between building and urban scale, some elements help in configuration and stimulate living together and convivial stay. The public art in this sense can transform cultural and structural perception of spaces. The spatial legibility is fundamental to the vitality of urban centers. Its interpretation happens gradually from the experiences lived, generating links. The purpose of this article is to discuss the importance and contribution of urban art in the formation of the imaginary, its relationship and communication with architecture and surroundings, through literature related to the theme and the object of study. Furthermore, the search includes immersion – experience and photographic survey in loco, reading and analysis of the artistic manifestations presents. The result is a brief analysis of morphological and historical evolution of University Square in Goiania, identification and documentation of examples of urban art, state of conservation and interventions; also, to foster understanding and reflection on urban art as a former of the urban imagery.

Key-Words: Public Art; Urban Imagery; University Square; Sector University; Goiania.

Resumen

*En reflexiones y definiciones teóricas sobre arquitectura y urbanismo aparecen a menudo palabras como: arte, cultura, espacio e individuo. Es notable el recurso artístico, creativo y social realizado por la arquitectura en lo proceso de estructuración y configuración espacial. Entre la escala del edificio y del urbano, algunos elementos ayudan en la configuración y estímulo al convívio y permanencia. El arte publica en este sentido puede convertir percepción cultural y estructural de los espacios. La legibilidad espacial es fundamental para la vitalidad de centros urbanos. Su interpretación ocurre gradualmente a partir de experiencias vividas, generando vínculos. El objetivo deste artículo es discutir la importancia y contribución del arte urbana en la formación del imaginario, su relación y comunicación con la arquitectura y entorno, através de la investigación bibliografica relacionada al tema y el objeto de estudio. Además, la investigación incluye la inmersión – experiencia y levantamiento fotográfico *in loco*, lectura y análisis de las manifestaciones artísticas presentes. Lo resultado es una breve análise de la evolución morfológica e histórica de la Plaza Universitaria en Goiania, identificación y documentación de ejemplares del arte urbana, su conservación e intervenciones; además, fomentar la comprensión y reflexión sobre arte urbana como formador de imaginário urbano.*

Palabras Claves: Arte Publica; Imaginário Urbano; Plaza Universitaria; Sector Universitario; Goiania.



1. Introdução

Historicamente, a cidade é consequência de um grupo de indivíduos que se fixam dando origem a tribos, aldeias, povoados, evoluindo até a estrutura que identificamos como cidade. Segundo Lewis Mumford (1998, p.11) "[...] antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras [...]." A fixação implica no desenvolvimento de formas de habitar através da organização espacial, pautada em princípios de sobrevivência tais como estratégias de proteção contra as intempéries, predadores e inimigos.

Morfologicamente, observa-se que cada cidade tem seu traçado definido tanto por questões topográficas e bioclimáticas, quanto por questões sociais tais como atividades econômicas e heranças culturais. Em seu discurso sobre cidade, uma das características defendidas por Raquel Rolnik (1995) é a cidade como um ímã: "Na busca de algum sinal que pudesse apontar uma característica essencial da cidade de qualquer tempo ou lugar, a imagem que me veio à cabeça foi a de um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens." (ROLNIK, 1995, p. 12)

Nessa lógica, as mudanças urbanas não são acontecimentos rígidos. A arquitetura e o espaço urbano se aperfeiçoam frente às demandas sociais como uma forma de reafirmar culturas, crenças e poderes. Giulio Carlo Argan (1998, p. 43-44) enxerga a cidade além do seu traçado:

Por cidade não se deve entender apenas um traçado regular dentro de um espaço, uma distribuição ordenada de funções públicas e privadas, um conjunto de edifícios representativos e utilitários. Tanto quanto o espaço arquitetônico, com o qual o resto se identifica, o espaço urbano tem seus interiores. [...] O espaço também é um objeto que se pode possuir e que é possuído.

Nas reflexões e definições teóricas sobre arquitetura e urbanismo aparecem frequentemente palavras como: arte, cultura, espaço e indivíduo. É notável o apelo artístico, criativo e social desempenhado pela arquitetura no processo de estruturação e configuração espacial. Silvio Colin (2000, p. 25), ao abordar o edifício como uma obra de arte, pontua que ele deve tocar nossa sensibilidade, nos incitar à contemplação, nos convidar à observação de suas formas. Sua afirmação pode ser transposta também aos espaços urbanos. Entre a escala do edifício e do urbano, alguns elementos auxiliam na configuração e estímulo ao convívio e permanência. A arte pública, neste sentido, pode transformar a percepção cultural e estrutural dos espaços.

A arte pública desempenha um importante papel social ao promover e estimular a interação entre os transeuntes e obra. Estas experiências amplificam a percepção dos espaços, promovendo a construção de memórias emotivas. Segundo Cristina Freire (1997, p. 127), diferente da história, a memória é uma construção social que envolve processos de representação de si mesmo e do mundo, sendo capaz de misturar temporalidades diversas. Alguns edifícios, estruturas e peças de arte pública tornam-se referenciais que transcendem gerações e fronteiras. A exemplo, temos no Brasil o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro e a Estátua da Liberdade em Nova York. Eles têm a capacidade de fixar um momento histórico e de fazer parte do imaginário local, nacional e mundial.

O diálogo com a pluralidade é uma das características marcantes da arte pública, que acontece normalmente a partir de um projeto coletivo e interdisciplinar voltado para o espaço urbano. [...] um dos principais objetivos da arte pública é estabelecer o diálogo com a diversidade, fato desafiador para o artista que cria no ambiente urbano. (SILVA, 2005, p.25)

Nesse sentido, ao se falar de arte pública e dos espaços nos quais se inserem é válido observar sua flexibilidade em promover a integração entre espaços e das pessoas com os mesmos. Assim, nos



deparamos com o caráter público e privado dos espaços. Para Herman Hertzberger (1999, p.12),

Os conceitos de "público" e "privado" podem ser interpretados como a tradução em termos espaciais de "coletivo" e "individual". Num sentido mais absoluto, podemos dizer: pública é uma área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade por sua manutenção é assumida coletivamente. Privada é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la.

Os monumentos configuram traçados urbanos e influenciam novos usos. Se bem estabelecida essa relação, o monumento torna-se uma referência positiva. Desse modo, é importante que haja uma coerência entre a obra e o local levando em consideração os aspectos sociais e culturais. Algumas obras permeiam o campo da experimentação; outras são concebidas a partir de uma ideia, intenção, uma mensagem. Segundo Cristina Freire (1997, p.94), "[...] monumento é um substantivo que vem do verbo latino *monere* - que significa fazer lembrar."

A legibilidade espacial é fundamental para a vitalidade dos núcleos urbanos. Sua interpretação acontece gradualmente a partir das experiências vivenciadas, gerando vínculos. Como afirma Kevin Lynch (1997), "[...] não percebemos a cidade como um todo, mas partes dela com as quais o cidadão se identifica ou estabelece algum vínculo". Os monumentos se configuram desde a origem a partir de intenções e ideologias, cujo objetivo é passar uma mensagem e de fato trazer à memória um momento, um fato histórico. Para Freire (1997, p.90), "a cidade tem sido desde longuíssima data local para a exposição de obras de arte, para a implantação de monumentos."

A Arte Pública é tema de estudo e discussões entre arquitetos, urbanistas e artistas por ser vinculada como um mecanismo em processos de reestruturação e requalificação urbana, um marco artístico cultural que lança um novo olhar à cidade e cria um novo imaginário para os cidadãos. Segundo Paulo Knauss (2006 *apud*. Cabral, 2010, P.178), o Imaginário Urbano pode ser definido como:

[...] o conjunto das imagens da cidade, que encontram seus suportes materiais em objetos identificados com o espaço público da cidade. Para além de seus possíveis atributos formais, a compreensão da especificidade do acervo urbano de imaginária produz o sentido de sua expressão, ao estabelecer a relação/tensão entre a ordem temporal e a ordem espacial da cidade, ao mesmo tempo que demarca e informa as duas ordens sociais.

O espaço urbano recebe inúmeras formas de manifestação artística que podem ser obras de arte fixas como, por exemplo, esculturas, monumentos e o *graffiti*; obras temporárias, que se referem a instalações artísticas (Figuras 1 e 2) e que permanecem por um determinado período como, por exemplo, a *Cow Parade*; ou ainda obras efêmeras (Figuras 3, 4 e 5), que duram curto prazo de tempo, tais como, performances artísticas para encenação teatral, danças ou produção de fotos e pequenas intervenções de artistas locais. Segundo Fernando Pedro da Silva (2005, p.14), "A cidade é, a princípio, um local que se presta a receber todo tipo de manifestação artística, desde o *graffiti*, entendido como manifestação espontânea de certos grupos juvenis, até projetos oficiais muito bem elaborados, envolvendo artistas e arquitetos."

Figuras 1 e 2: Biblioteca Marieta Telles Machado. Instalação do artista André Rezende



Fonte: Altillierme Carlo (21/08/2011).

Figuras 3, 4 e 5: Bar da Tia. Intervenção da Oficina de Lambe Lambe - Semanau 2013.



Fonte: Altillierme Carlo (06/06/2013).

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a importância da arte urbana, sua relação com a cidade e sua contribuição para a formação do imaginário e de memórias afetivas com ênfase no acervo de arte urbana existente na Praça Universitária – localizada no Setor Leste Universitário, próximo ao Centro histórico de Goiânia – identificando cada obra e demais manifestações artísticas. Além disso, contribuir com material de estudo relacionado à arte pública a partir da análise do referido objeto de estudo, com uma abordagem da implantação, do estado de conservação e manutenção das peças, da relação dos usuários com as obras e das mesmas com o entorno.

A pesquisa foi desenvolvida em quatro etapas de trabalho: 1. levantamento bibliográfico relacionado à Praça Universitária compreendendo a evolução morfológica do Setor Leste Universitário – no qual se encontra a praça –, e bibliografias relacionadas à arte urbana ampliando a compreensão da mesma; 2. levantamento fotográfico *in loco*, bem como a elaboração de mapas para organizar, fomentar e complementar a análise das intervenções abordadas textualmente; 3. análise dos tipos de



manifestações artísticas presentes na praça, sua implantação e abordagem dos usuários; 4. através da vivência com a praça e observação das obras, compreender a dinâmica do lugar e a interferência das pessoas nas peças de arte, apresentando a síntese da experiência com a pesquisa e contribuição com as reflexões sobre arte pública e os tipos identificados no objeto de estudo, sua implantação, relevância e manutenção necessária das peças de arte pública fixas.

2. O Setor Leste Universitário e a Praça - breve comentário histórico

Goiânia, a nova capital do Estado de Goiás, foi inaugurada em 24 de outubro de 1933, data que marcou o lançamento da pedra fundamental da cidade. Segundo Maria Madalena Roberto Cabral (2010),

O município foi criado por meio da Lei nº 327, de 2 de agosto de 1935. A mudança provisória do poder executivo aconteceu em 4 de dezembro desse ano e o dia 23 de março de 1937 marcou a transferência definitiva da nova capital, da cidade de Goiás para a de Goiânia. Oficialmente inaugurada em 5 de julho de 1942, na festa denominada de Batismo Cultural.

A nova capital foi projetada e estruturada em três fases: a primeira elaborada pelo Arquiteto e Urbanista Atílio Correia Lima; a segunda contou com o Engenheiro Civil Armando Augusto de Godoy na revisão do projeto de Atílio e planejamento do Setor Sul; a terceira fase esteve sob a responsabilidade dos Engenheiros Jerônimo Coimbra Bueno e Abelardo Coimbra Bueno, mais conhecidos como irmãos Coimbra Bueno. Tais etapas marcaram e definiram o traçado dos Setores Central, Sul, Norte, Oeste e o Leste. O Setor Leste Universitário surgiu de forma autônoma nos primeiros anos da nova capital. O local foi ocupado inicialmente por trabalhadores operários atribuindo ao local uma característica residencial.

A ocupação do Setor Universitário começou já nos primeiros anos de existência da nossa capital. Foram operários e outros personagens das classes mais humildes que, sem condições de adquirir um lote na cidade planejada, começaram a ocupar terras do estado. As margens do Córrego Botafogo abrigaram as primeiras ocupações, que depois foram se espalhando no sentido leste da cidade e chegaram onde hoje está o Setor Leste Universitário. (GOIÁS DE NORTE A SUL, 2011)

A regularização veio posteriormente, com a intervenção do poder público por meio de um projeto urbanístico moldado a partir da adequação das ocupações ao traçado urbano. O ponto central do Setor é, evidentemente, a Praça Universitária. Nela encontram-se uma Galeria de Arte a Céu aberto e equipamentos urbanos (Figura 6), tais como quiosques e a Biblioteca Marieta Telles Machado, uma biblioteca municipal que abriga um acervo de livros em seu pavimento inferior, incluindo uma gibiteca. O pavimento superior é dedicado a exposições agendadas recebendo artistas locais e de outras regiões do Brasil.

Figura 6: Equipamentos Urbanos da Praça Universitária



Fonte fotográfica: Google Maps. Edição de Imagem: Altillierme Carlo (25/08/2015)

Na Figura 6, referente aos Equipamentos Urbanos da Praça Universitária, estão:

01. Quiosque 01 da Praça (Figura 27) / 02. Quiosque 02 da Praça / 03. Quiosque 03 da Praça (Figura 28) / 04. Bar da Tia (Figuras 3, 4 e 5) / 05. Biblioteca Marieta Telles Machado (Figuras 07 e 08).

A Praça Universitária, nome com o qual foi inaugurada em 1969, foi caracterizada desde sua criação como uma centralidade acadêmica dedicada ao ensino e manifestações culturais, musicais, políticas e estudantis. A inauguração se deu em 1969 durante as realizações do XX Jogos Universitários Brasileiros. Seu projeto paisagístico foi desenvolvido pelo artista plástico Waldemar Cordeiro.

Waldemar Cordeiro [Roma, Itália, 1925 - São Paulo, 1973]. Artista plástico, designer, escultor, desenhista, gravador e ilustrador, paisagista, urbanista, jornalista e crítico de arte. Nascido em Roma e filho de uma italiana e um brasileiro, é, contudo, registrado na Embaixada do Brasil, tendo, portanto, nacionalidade brasileira. Transferiu-se para o Brasil, em 1946. Em 1952 fundou, com outros artistas, o Grupo Ruptura - expondo obras de caráter concreto - no Museu de Arte Moderna de São Paulo. (ITAÚ CULTURAL, 2015)

Apesar de ainda hoje ser mais conhecida como Praça Universitária, foi batizada Praça Honestino Monteiro Guimarães. O nome foi oficializado através da LEI Nº 6.044 de 18 de novembro de 1983 que dispõe sobre alteração de nome e função de logradouros públicos. Publicada no Diário Oficial do Município número 738, a lei diz:

Art. 1º - Fica instituída a nova designação de "PRAÇA HONESTINO MONTEIRO GUIMARÃES", para a Praça Universitária, situada no Setor Universitário.

Art. 2º - A "PRAÇA HONESTINO MONTEIRO GUIMARÃES", se destinará a manifestações e apresentações artísticas, culturais, científicas e políticas da juventude Goianiense.

Art. 3º - Será providenciada pela Prefeitura Municipal de Goiânia e pela Secretaria Municipal da Educação, a infraestrutura necessária para o cumprimento do disposto no Art. 2º.

Art. 4º - Será construído no local, pela Prefeitura de Goiânia, com o auxílio da comunidade estudantil, um monumento ao homenageado, contendo o seu busto e as seguintes inscrições: "Honestino Monteiro Guimarães, goiano, Presidente da União Nacional dos Estudantes em 1969, assassinado pela repressão, por lutar pela liberdade, pelos direitos da pessoa humana e, pelo ensino público e gratuito para todos". "Se nos prenderem, se nos matarem, ainda assim nós voltaremos e seremos milhões.

Observa-se, atualmente, uma redução da presença de famílias e de estudantes por causa da marginalização e de frequentes episódios de assaltos na praça e na Rua 10 motivados pelo consumo de drogas na praça e nas imediações.

3. Grafitti e Pichação

O *graffiti* é uma expressão artística muitas vezes confundida com pichações. A pichação estabelece, com frequência, um contato restrito entre aqueles que entendem o grafismo de determinado grupo ou facção de pichadores e se caracteriza como uma manifestação de revolta e rebeldia, sendo caracterizado pelo ato de escrever ou riscar propriedades de terceiros, provocando prejuízo estético e financeiro em propriedades públicas ou privadas. Tal ato é previsto como crime por dano no Código Penal.

Durante análise *in loco*, estudo e levantamento fotográfico, foi evidente a dicotomia acima abordada entre *graffiti* e pichação nas paredes da Biblioteca Marieta Telles Machado. No início do levantamento, as paredes eram tomadas por pinturas de grafiteiros locais (Figura 7). A biblioteca passou por processo de reforma de pintura durante o desenvolvimento desta pesquisa. Logo após a reforma, suas paredes foram tomadas por pichações (Figura 8). Se por um lado a presença do *graffiti* pasteuriza, apaga elementos da arquitetura e altera a percepção de sua plástica, por outro preserva e resguarda o edifício das pichações que carregam uma conotação de marginalização. O uso deste elemento de forma dosada e previamente pensada, deveria ser estimulado de forma mais efetiva pela iniciativa pública e privada como uma forma de resguardar-se de vandalismos.

Figura 7: Biblioteca Marieta Telles Machado.



Fonte: Altillierme Carlo (19/11/2011).

Figura 8: Biblioteca Marieta Telles Machado.



Fonte: Altillierme Carlo (24/03/2014).

4. Galeria a Céu Aberto

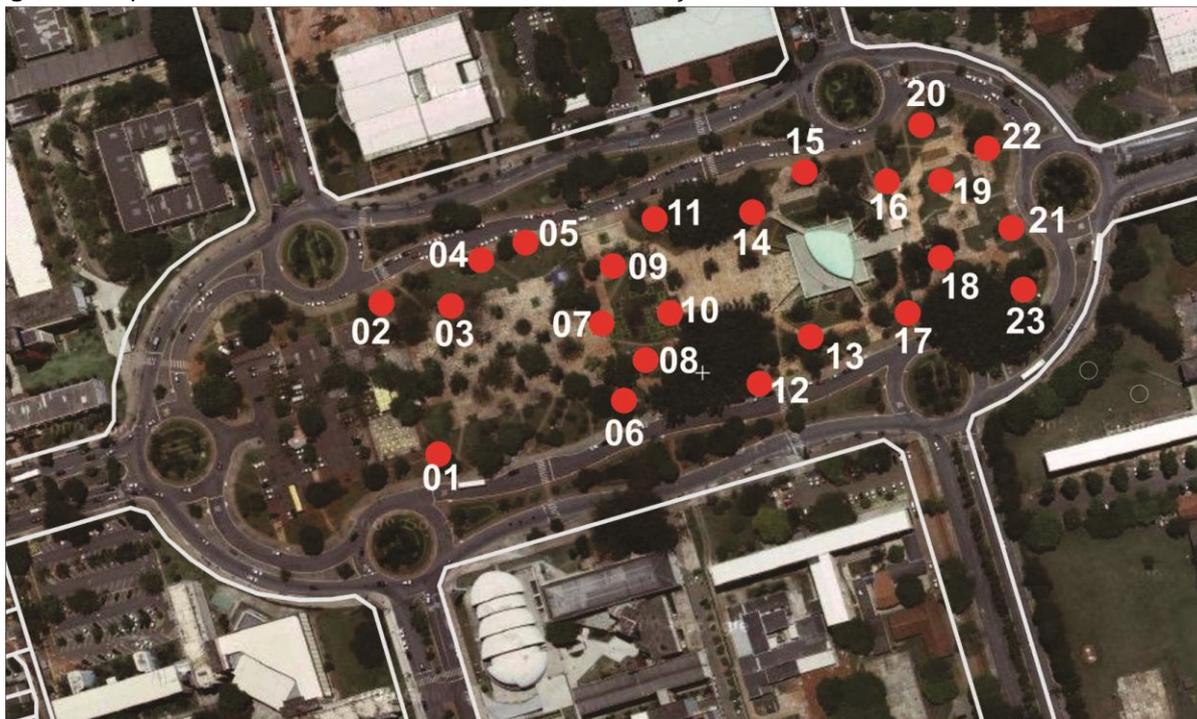
Localizada na Avenida Universitária com a 1ª e 5ª Avenida no Setor Leste Universitário, a praça universitária foi o local da cidade escolhido para a implantação do Museu de Escultura ao Ar Livre, inaugurado em 28 de dezembro de 2000, concentrando esculturas de diversos artistas goianos. Segundo Maria Madalena Roberto Cabral (2010, p.78),

Esse museu foi idealizado em 1995, pela marchand Maria Célia Câmara, na época proprietária da Galeria Fundação Jaime Câmara. A Associação dos Escultores de Goiás - AEGO apresentou o Projeto *Memória em Praça Pública* dos artistas Homem de Deus e Márcio Martins - presidente dessa associação e coordenador do projeto -, que concretizou a sua instalação de acordo com a Lei Municipal nº 7.685, de 23 de dezembro de 1996, de propositura da Vereadora Marina Santana, criando o Museu da Escultura de Goiânia.

O principal objetivo da galeria é divulgar o acervo e os artistas locais. Para assegurar essa divulgação e democratização da arte a Prefeitura de Goiânia, através da Lei Municipal do Incentivo, aprovou o projeto "Ação Educativa na Formação Cultural", na busca de mediar a formação, a percepção e sensibilidade do observador, e estimulando assim o olhar à interpretação, ao entendimento e à valorização do acervo cultural. Como pontua Cabral (2010, p.82),

As esculturas e monumentos visualizados nas avenidas, ruas e praças democratizam o acesso à cultura, considerando que o espaço museológico e de exposição em ambientes fechados possuem um horário estabelecido, além de intimidar um grande número de cidadãos. A arte sem a sua comunicação com o público transforma-se em "coisa" e, portanto, destituída de qualquer significado.

Figura 9: Mapeamento do Museu de esculturas ao Ar Livre, Praça Honestino Monteiro Guimarães.



Fonte fotográfica: Google Maps. Edição de Imagem: Atillierme Carlo (25/08/2015).

As esculturas da Praça e suas respectivas autorias foram checadas (Figura 9) com base no mapeamento da praça, feito por Cabral (2010, p.80). As esculturas e indicações das respectivas autorias estão dispostas da seguinte forma:

- | | |
|---|------------------------------------|
| 01. Broto, Aparecida Queiroz | 12. Sem Título, Prudêncio |
| 02. Movimento, Ritter | 13. Figura Regional, Gilvan Cabral |
| 03. Natura Naturante, Maria Guilhermina | 14. Mulher, Lara Luiza |
| 04. Pau-brasil, Antunis Arantes | 15. Aves, Angelos Ktenas |
| 05. Envolvimento, Marilda Passos | 16. Vênus 2000, Júlio Valente |
| 06. Derrubada, Admar Custódio | 17. Guardião, Antônio Vieira |
| 07. Cerrado, Ken Yuaça | 18. Vida, Noé Luiz |
| 08. Dedos de Deus, Homem de Deus | 19. Camponês, José Loures |
| 09. Violento, Neusa Moraes | 20. Autolibertação, Divino Jorge |
| 10. Deixa o Brasil no Terceiro Mundo, Antônio Poteiro | 21. Emas, Luís Tolosa |
| 11. Carismáticos, Narcisa Cordeiro | 22. Maternidade, Léia Leal |
| | 23. Clone, Danielle Gouthier |

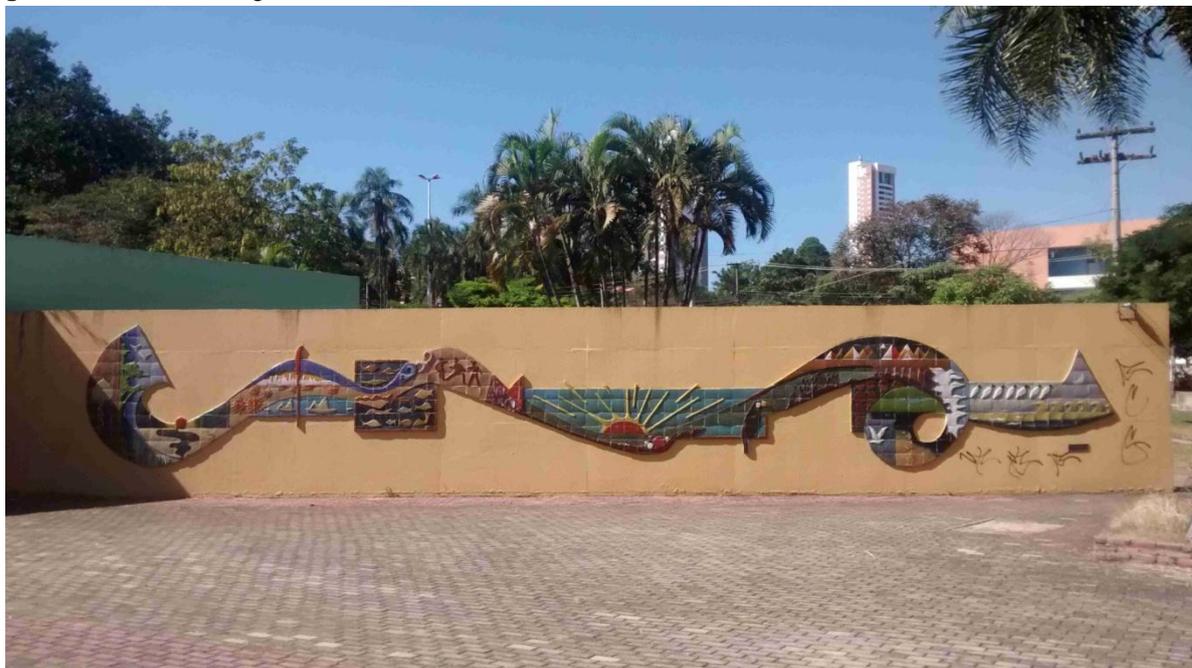
Além das esculturas acima listadas, a galeria ainda conta com dois painéis instalados em duas paredes externas no pavimento inferior da Biblioteca Marieta Telles Machado. À esquerda o painel Movimentos de Tartaruga do artista Américo Souza Neto (Figuras 10 e 11) e à direita o painel Rio Araguaia do artista Luiz Olinto (Figura 12).

Figuras 10 e 11: Obra: Movimentos de Tartaruga. Artista: Américo Souza Neto.



Fonte: Altillierme Carlo (04/06/2014).

Figura 12: Obra: Rio Araguaia. Artista: Luiz Olinto.



Fonte: Altillierme Carlo (04/06/2014).

Atualmente, as obras encontram-se em mal estado de conservação e durante esta pesquisa não foi constatada nenhuma ação de manutenção das mesmas. Isso pode ser visto de forma mais expressiva no painel Movimentos de Tartaruga do artista Américo Souza Neto (Figuras 10 e 11) e na escultura Cerrado do artista Ken Yuaça (Figura 13). São peças confeccionadas em terracota colocadas ao tempo sem mecanismos de conservação contra intempéries.

Além disso, as obras estão vandalizadas e depredadas. A falta de diretrizes para a implantação de um Museu de Escultura a Céu Aberto é um dos fatores que levaram à degradação das esculturas. Não há uma sequência lógica de percurso no que diz respeito à visitação e contemplação das obras. Como reflexo dessa incoerência e falha de planejamento observa-se que muitas das esculturas foram arranhadas, rabiscadas e pichadas. As obras nas quais os danos são mais evidentes são:

- “Dedos de Deus”, do artista Homem de Deus (Figuras 14 e 15) - além de ter sido

completamente riscada e pichada, constantemente a obra amanhece com peças de seu conjunto tombadas, jogadas ao chão.

- “Mulher”, da artista Lara Luiza (Figuras 16 e 17) - completamente pichada, e arranhada;
- “Natura Naturante”, da artista Maria Guilhermina (Figura 18) - sua base está repleta de pichações;
- “Envolvimento”, da artista Marilda Passos (Figura 19) - pichações na base e na escultura.

Figura 13 (À esquerda): Obra: Cerrado. Artista: Ken Yuaça; **Figura 14 e 15** (À direita): Obra: Dedos de Deus. Artista: Homem de Deus.



Fonte: Altillierme Carlo (04/06/2014).

Figuras 16 e 17: Obra: Mulher. Artista: Lara Luiza



Fonte: Altillierme Carlo (27/11/2013).

Figura 18 (esquerda): Obra: Natura Naturante. Artista: Maria Guilhermina. **Figura 19** (direita): Obra: Envolvimento. Artista: Marilda Passos.



Fonte: Altillierme Carlo (27/11/2013).

5. O episódio do *CowParade* em Goiânia

Segundo a organização do evento, o *CowParade* é considerado o maior evento de arte pública conhecido no mundo sendo sediado em mais de 75 cidades com tamanho da exposição variável. Contou, por exemplo, com 32 vacas em Auckland na Nova Zelândia e 450 vacas em Nova York. Segundo publicação em jornal local,

A história da *CowParade* começa em 1999, na Suíça – país europeu que tem a vaca como animal simbólico. No lugar de quadros e objetos comuns, vacas serviriam de telas para artistas diversos (como pintores, escultores, artesãos e arquitetos) que levariam suas obras de arte bastante inusitadas para lugares habituais do cidadão, como parques, avenidas e ruas das grandes cidades. (O POPULAR, 2012)

O evento consiste na exposição, em locais públicos, de vacas de fibra de vidro pintadas e decoradas por artistas locais. Ao final do circuito, as vacas são leiloadas pela organização e o dinheiro levantado é destinado a instituições beneficentes sem fins lucrativos. No Brasil, o circuito das vacas já percorreu São Paulo (2005 e 2010), Belo Horizonte e Curitiba (2006), Rio de Janeiro (2007 e 2012), Porto Alegre (2010) e Goiânia (2012).

O circuito em Goiânia aconteceu do dia 14 de março ao dia 08 de maio de 2012 e contou com 62 vacas pintadas por artistas plásticos, escultores, artesãos, arquitetos e designers locais. A organização selecionou uma lista de 49 artistas incluindo a participação de Siron Franco como convidado especial; as demais foram pintadas por escolas. A maioria das obras foram colocadas em praças e parques tais como Parque Vaca Brava, Parque Areião, Lago das Rosas, Praça Cívica e Praça Universitária que recebeu a obra "O crepúsculo do cerrado" do artista Sanatan (Figuras 20, 21 e 22).

Figura 20: Obra Nº38: O crepúsculo do cerrado. Artista: Sanatan. *CowParade*.



Fonte: Altillierme Carlo (30/03/2012).

Figuras 21 e 22 (Detalhes): Obra Nº38: O crepúsculo do cerrado. Artista: Sanatan. *CowParade*.



Fonte: Altillierme Carlo (30/03/2012).

Por que a vaca? Apesar de sua representação simbólica ser distinta ao redor do mundo, o que todos os povos possuem em comum com relação às vacas é o afeto e o carinho com as mesmas. Além de ser um animal querido, a organização *CowParade* afirma que

Como uma tela de arte, não existe nenhum outro animal ou objeto que fornece a forma, flexibilidade e amplitude de uma vaca. As três formas (de pé, pastando, repousando) fornecem aos artistas ângulos e curvas para criarem obras de arte únicas. Seu modelo também permite que ela seja caracterizada. Ela pode se transformar em outros animais, pessoas ou objetos. (COWPARADE, 2012)

A exposição das obras em Goiânia movimentou a cidade e chamou a atenção dos moradores que saíam de suas casas para conferir os resultados espalhados pela cidade. Apesar do sucesso, ocorreram alguns episódios pontuais de desrespeito aos autores e às obras. No primeiro dia de exposição, 14 de março de 2012, a Vaca Atropelada do artista convidado Siron Franco foi pichada na Avenida Goiás. No dia 14 de março, três estudantes de classe média alta furtaram no Parque Vaca Brava a vaca Oasis, da artista Alice Nascimento. Outra situação polêmica foi a remuneração destinada aos artistas, o que põe em xeque a valorização ao seu trabalho.

Figura 23: Matéria publicada em Jornal local



Fonte: Jornal O Popular (25/03/2012).

6. Intervenção urbana recente - o caso da Ciclovía

A intervenção na Avenida Universitária consiste na criação do corredor exclusivo para ônibus e uma ciclovía no canteiro central (Figuras 24 e 25) com instalação de equipamentos de suporte, anunciada em 2011 e com início das obras em 03 de outubro do mesmo ano. A iniciativa de criar ciclovias em Goiânia vem crescendo nos últimos anos e tem agradado moradores e ciclistas. Antes fazia-se campanhas de incentivo ao uso de bicicletas, mas devido à falta de infraestrutura para essa atividade, o êxito era muito baixo. Em depoimento ao Portal G1, no dia 03 de abril de 2011, o trabalhador autônomo Carlito Batista disse: “Para mim vai ser ótimo, pois só ando de bicicleta. Há dois meses fui atropelado, pois não há lugar par andar de bicicleta na cidade”.

Figura 24 (Esquerda): Intervenção Ciclovía Rua 10 e Praça - Trecho em obra. **Figura 25** (Direita): Intervenção Ciclovía Rua 10 e Praça - Trecho concluído.



Fonte: Altillierme Carlo (24/11/2011).

Embora a iniciativa seja plausível, são visíveis algumas ineficiências tanto projetuais quanto na execução do projeto de intervenção, problema presente em diversas obras pelo Brasil. No dia 16 de agosto de 2013 foi publicada uma matéria no Jornal O Popular (Figura 26), que fez uma crítica em relação à qualidade da obra entregue. Entre outras abordagens, a matéria evidencia que:

Um ano e dois meses depois de ter sido entregue à população, a ciclovia da Avenida Universitária começa a se deteriorar. Em alguns pontos da via, entre as Praças Cívica e Universitária, o concreto que reveste a faixa exclusiva para ciclistas apresenta desgastes como se estivesse ruindo, acabando. Em outros, no mesmo trecho, há rachaduras em toda a largura da pista. (O POPULAR, 2013)

Figura 26: Matéria publicada em Jornal local



Os quiosques construídos ao longo da avenida e da Praça Universitária, servem de suporte para a ciclovia bem como à galeria de esculturas. Apesar de não serem um objeto de arte urbana, possuem um grande potencial plástico que foi pouco explorado. Além disso, os quiosques são locais desconfortáveis em dias de muita chuva e sol intenso, pois a cobertura muito alta e estreita não oferece proteção adequada às mesas (Figura 27). Na praça foram implantados três quiosques dos quais um encontra-se inacabado e abandonado (Figura 28) tornando-se "banheiro" público e esconderijo, ampliando o risco de ser surpreendido durante uma caminhada.

Figura 27: Quiosque da Praça Universitária.



Fonte: Altillierme Carlo (06/06/2013).

Figura 28: Quiosque abandonado na Praça Universitária.



Fonte: Altillierme Carlo (24/03/2014).

7. Considerações finais

A partir da imersão no local estudado e do levantamento de material bibliográfico, pôde-se compreender melhor o que é a arte pública, sua importância e potencial para a estruturação urbana. O estudo da Praça Universitária coloca em evidência o quanto é importante estabelecer um planejamento para a implantação da Arte Pública e um Plano de Ações para garantir a manutenção do acervo e, conseqüentemente, o projeto urbano, garantindo a efetivação da reestruturação e qualificação do local em questão.

Para que a apreciação e valorização da obra e do artista seja alcançada, se faz necessárias mudanças no nosso sistema de ensino, buscando estimular a ampliação de visitas a museus e teatros. O investimento em cultura, educação e ensino de arte, até mesmo da própria história da cidade e da arquitetura local, estimula no cidadão a exercer um olhar mais crítico, levando-o a refletir sobre seu papel enquanto cidadão, sobre a importância de se valorizar e preservar a obra arquitetônica e a obra de arte.



Observa-se que as centralidades das cidades possuem uma multiplicidade de atividades, culturas, funções e pessoas. Como tal, devem ser levadas em consideração todas as condicionantes na hora de se propor uma intervenção para requalificar e reestruturar espaços urbanos. Alguns centros urbanos, como o centro histórico de Goiânia, se comportam de formas extremas e opostas ao mesmo tempo, apresentando um ciclo de mutações de uso durante o dia e a noite. Espaços que vão do tumulto ao esvaziamento; da apropriação ao abandono. Em alguns casos, ocorre uma inversão de valores e usos, onde os espaços perdem sua identidade, sua característica essencial. A Praça Universitária é um exemplo dessa realidade: um espaço elaborado para receber manifestações festivas, culturais e artísticas, promovendo interação social. Hoje, ironicamente, possui um grande percentual de sua área invadida por veículos, transformando-se em um grande estacionamento.

O caso da Praça Universitária e as subseqüentes intervenções apresentadas, enfatizam o problema que enfrentamos na construção civil e no planejamento urbano em nosso país. Merecem um olhar atento a qualificação e o preparo dos profissionais responsáveis pela execução das obras e sua fiscalização efetiva, garantindo um maior controle de qualidade. O investimento em concursos é outro mecanismo muito válido que pode garantir obras com maior qualidade e a minimização de gastos. É possível ver inúmeros bons projetos que apresentaram patologias em curto intervalo de tempo, algumas vezes até mesmo antes da obra ser concluída, causados pela má qualidade do material utilizado na execução do projeto.

A Praça Universitária e seus episódios de vandalismo, o descuido na manutenção e o desgaste acelerado em alguns exemplares do acervo, reforçam a ausência de um estudo prévio de lugar, clima, fluxos, público, dentre outros. Essas são algumas das diretrizes envolvidas no planejamento tanto para a disposição do acervo e de sua produção quanto à escolha de materiais para resistir às intempéries, bem como a forma de conduzir ou estimular o olhar e o percurso do observador em direção à obra se inserindo-o no espaço e estabelecendo uma relação mais próxima entre corpo, mente, espaço e obra. Tal estímulo e aproximação leva o observador à sensação de pertencimento ao lugar, e a compreensão da obra é o primeiro passo para que a comunidade se sinta na missão de preservá-la. Caso contrário, persistirá a negação ao valor e ao potencial que a Arte Pública exerce sobre a cidade.

A reformulação da Galeria a Céu Aberto na Praça Universitária iria resgatar a importância da Arte Pública no contexto da requalificação urbana e estimular o retorno de muitos dos moradores da região, que hoje não frequentam mais a Praça Universitária por medo, insegurança e marginalização em decorrência da vulnerabilidade e abandono. Explorar o potencial da obra e do local é também uma mudança de conceitos dos observadores levando-os a se sentirem pertencentes ao lugar. Além disso, Goiânia tem buscado cada vez mais políticas que priorizem e beneficiem o pedestre e os ciclistas. Sendo assim, não faz sentido entregar infraestrutura de ciclovias tão precárias e negligenciar uma praça desse porte, arborizada e com um potencial de explorar o convívio, interação social e a permanência na praça. Em uma cidade cujo trânsito está se tornando cada vez mais caótico, conseguiremos mudar a visão cultural de priorizar o carro, somente a partir do momento em que oferecermos infraestrutura básica de qualidade, provendo deslocamentos alternativos, transformando, assim, o deslocamento em uma experiência mais agradável e a permanência mais frequente em locais públicos, como praças e parques.

Entender o funcionamento dos espaços urbanos, compreender as características e potencialidades da arte pública como estruturadora e transformadora dos espaços pode ser determinante ao se criar ambiências urbanas, que de fato possuam um sentido, e que permitam e priorizem a contemplação, apreciação e interação entre arte, cidade e pessoas. A coerência projetual e o comprometimento com a inclusão social podem transformar formas de viver e conviver, mexendo com a percepção sensorial das pessoas propiciando conforto, segurança e construindo memórias afetivas e construindo novos referenciais. A arte pública e a arquitetura possuem grande potencial e responsabilidade no processo criativo que podem mudar realidades, tornando os espaços mais acessíveis, dignos e habitáveis.



8. Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. Lei nº 6.044, de 18 de novembro de 1983. Alteração de nome e função de logradouros públicos. **Diário Oficial do Município**. Goiânia, GO. Disponível em: <http://www.goiania.go.gov.br/html/gabinete_civil/sileg/dados/legis/1983/lo_19831118_000006044.html>. Acesso em: 04/05/2014

CABRAL, Maria Madalena Roberto. **Arte Pública [manuscrito]: sua função e significado no espaço urbano de Goiânia** / Maria Madalena Roberto Cabral. – 2010.

COLIN, Silvio. **Uma introdução à arquitetura** / Silvio Colin. - Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.

COWPARADE. **Nossa história**. Disponível em: <<http://www.cowparade.com/our-story/>>. Acesso em: 04/04/2012.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo** / Cristina Freire. - São Paulo: Sesc: Annablume, 1997.

G1.GLOBO. **Corredor universitário terá faixa para ônibus e ciclovia, em Goiânia**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2011/10/corredor-universitario-tera-faixa-para-onibus-e-ciclovias-em-goiania.html>>. Acesso em: 04/04/2014.

GOIÁS DE NORTE A SUL. **Histórias de Goiás – Setor Leste Universitário**. Disponível em: <http://www.goiasdenorteesul.com.br/programa_goiania-setor-leste-universitario_25>. Acesso em: 25/02/2012.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura** / Herman Hertzberger; [Tradução Carlos Eduardo Lima Machado]. - 2ªed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ITAÚ CULTURAL. **Waldemar Cordeiro**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa297/waldemar-cordeiro>>. Acesso em: 10/11/2015.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução por Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

MUMFORD, Lewis, 1895 - **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas** / Lewis Mumford; [Tradução Neil R. da Silva] - 4ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1998 - Ensino Superior.

O POPULAR. **Com 1 ano e 2 meses de uso, ciclovia já está deteriorando**. Disponível em: <<http://goias24horas.com.br/16622-o-popular-desmascara-mais-uma-mentira-de-paulo-garcia-uma-ciclovias-esta-acabando-e-as-outras-nao-saem-do-papel/>>. Acesso em: 04/04/2014.

O POPULAR. **Vacas da Cowparade vão a leilão beneficente no sábado**. Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/noticias/cidades/vacas-da-cowparade-v%C3%A3o-a-leil%C3%A3o-beneficente-no-s%C3%A1bado-1.155832>>. Acesso em: 30/05/2012.

ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade** / Raquel Rolnik - São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203)

SILVA, Fernando Pedro da. **Arte pública: diálogo com as comunidades**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2005.